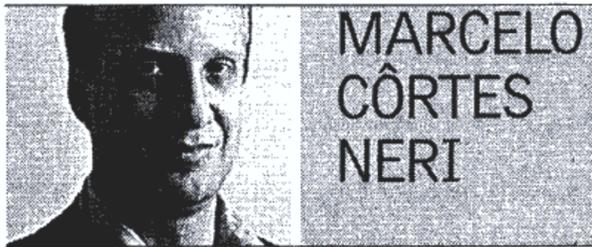


Sobre desigualdade, inércia e presidentes



MARCELO
CÔRTE
NERI

O projeto Fome Zero foi a prioridade inicial do presidente Lula, como fora o Plano Real para seu sucessor. Lula quer dar um choque na miséria, comparável ao dado pelo Plano Real na inflação. Há quase uma década. A inércia da iniquidade brasileira é mais forte que a da inflação. A inflação inercial era um fenômeno de bases anuais, enquanto a desigualdade inercial se transmite entre gerações, em particular pela passagem de escolaridade, ou da falta de escolaridade, de pai para filho.

Estudo recente de Sérgio Ferreira e Fernando Velloso do BNDES e do Ibmec respectivamente demonstra que o grau de transmissão da desigualdade educacional entre pais e filhos é muito alto no Brasil (68%) se comparado com os Estados Unidos (30%). O grau de mobilidade intergeracional de educação no Brasil é menor que o observado em países desenvolvidos e em nações em desenvolvimento, com exceção da Colômbia. Cabe lembrar que desigualdade educacional explica, por sua vez, entre 40 e 50% da desigualdade de renda brasileira.

Outra conclusão da pesquisa mostra que a educação dos pais desempenha

um papel importante na determinação do grau de escolaridade dos filhos. A probabilidade de um filho continuar sem escolaridade é de 33,85% quando seu pai também não completou um ano de estudo. Já para filhos de pais com ensino superior, este percentual cai para menos de 1%, tendo a maior probabilidade de repetir o desempenho da geração anterior (60,02%) (vide tabela 2). Cabe lembrar que desigualdade educacional explica, por sua vez, entre 40 e 50% da desigualdade de renda brasileira.

Já estudos de mobilidade ocupacional — ver a tese de doutorado de Valéria Pero da UFRJ — revelam um razoável nível de mobilidade ocupacional no Brasil mas de curta extensão, onde muitos sobem pouco e poucos sobem muito na escala ocupacional. Isto difere muito do padrão de mobilidade dos Estados Unidos embutido no sonho americano, eternizado na novela "The Great Gatsby", de Scott Fitzgerald.

As trajetórias de vida dos atuais presidentes norte americano e brasileiro são atípicas. Se um marciano analisasse a cadeia de sucessão presidencial americana nos últimos anos acharia que os EUA estariam num regime de baixa mobilidade ocupacional onde a presidência é passada de Bush pai para Bush filho no decurso de alguns anos, uma quase monarquia diria o alienígena. Ao passo que a trajetória de Lula pode ser considerada o milagre da ascensão social no país que ocupa o pódio mundial da desigualdade há pelo menos quatro décadas. A trajetória do garoto

nordestino que sai da pobre Garanhuns até a Presidência, o ápice profissional brasileiro. Mais do que o salto ocupacional de Lula em relação aos seus pais, o que impressiona é o fato de Lula ter conseguido isso sem nunca ter ingressado nos bancos universitários*.

A transmissão da desigualdade de renda ao longo do tempo depende em última instância da mobilidade na distribuição de ativos produtivos (educação, terra, crédito etc). Agora tal como na luta contra a inflação inercial, é preciso acelerar o processo, desindexar a desigualdade, romper com o passado incorporado nos estoques de riqueza presentes, é necessário atuar diretamente nos fluxos de renda. As mudanças necessárias na distribuição de riqueza requerem tempo.

O Fome Zero é uma política de renda com uma grande qualidade e um grande defeito. A qualidade é a capacidade de mobilizar a sociedade, atributo herdado das ações pretéritas de Josué de Castro, autor de Geografia da Fome nos anos 40 e de Betinho criador da Ação da Cidadania contra a Miséria, a Fome e pela Vida. Ponto para Lula. O combate à miséria habita hoje corações e mentes dos brasileiros.

Mas boas intenções e propaganda não bastam. Mais do que operacionais, os problemas do Fome Zero foram de concepção. Buscou-se um combate literal à fome cerceando a liberdade do pobre escolher o que podia, ou não, consumir. A tentativa era aumentar a produção agrícola e a capacidade de gera-

ção de renda locais. O Fome Zero incorreu no pecado original: o de reinventar a roda. A ânsia de mudar desprezou avanços na estrutura de combate à pobreza feitas nos últimos anos.

O projeto Alvorada de FHC, ainda que tardio e mal divulgado, incorporava alguns elementos da melhor tecnologia disponível, algumas já conhecidas pelo PT. Por exemplo, transferências condicionais de renda segundo qual o pobre deve dar uma contrapartida social aos pagamentos que o tornarão menos pobre no futuro. A Bolsa escola é um subsídio à educação fo-

O que mais impressiona na trajetória de Lula de garoto pobre de Garanhuns até a Presidência é o fato de nunca ter ingressado na universidade

cado nos pobres, num país onde o estado acostumou-se a apoiar a acumulação de capital físico das elites através de crédito subsidiado. É certo que o projeto Alvorada continha limitações mas ao invés de fazer upgrades na estrutura anterior, a opção inicial foi mudar o rumo da política social, causando involução nas práticas sociais.

A unificação dos programas sociais representa uma tentativa de retomar o uso de tecnologias sociais de ponta, dar maior consistência e sistematicidade às ações do governo federal. A criação do Bolsa-família composto de diferentes

programas de transferência de renda busca de convergência de resultados, assim como a formação do cadastro social único, é uma espécie de censo operacional das políticas sociais.

Mais recentemente, a integração das secretarias do Bolsa-Família, do Fome Zero com o Ministério de Assistência Social no Ministério do Desenvolvimento Humano e de Combate à Fome sob a regência de Patrus Ananias revela renovado empenho em corrigir rumos e avançar. O nome do ministério de Desenvolvimento Humano guarda a promessa da modernização das práticas sociais dando continuidade a linha inovadora do Fundo de Erradicação da Pobreza do Congresso Nacional, do Alvorada de FHC e do Bolsa Família de Lula. Já o sobrenome do novo ministério Combate à Fome tem o DNA da mobilização social herdado de Josué de Castro, de Betinho e do próprio Lula, combatendo o principal aliado da desigualdade inercial: a indiferença com a diferença.

* Tipicamente os canais de ascensão ocupacional de pessoas com baixa escolarização no Brasil seriam o esporte e o show business, a recente redemocratização brasileira parece ter criado outra via: a política.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da deficiência no Brasil", "Cobertura previdenciária: diagnóstico e prescrições de políticas" e "Ensaio sociais". E-mail: mcneri@fgv.br